

EQUOTERAPIA COMO MÉTODO DE TRATAMENTO DE CRIANÇAS PORTADORAS DE DOENÇAS NEUROLÓGICAS

Rebeca Maria da Silva Pires Barbosa¹, Jose Henrique de Lacerda Furtado², Patricia Luciene da Costa Teixeira³ e Laize Aparecida de Paulo Poubel Sobreira⁴

RESUMO

BARBOSA, R.M.S.P.; FURTADO, J.H.L.; TEIXEIRA, P.L.C.; SOBREIRA, L.A.P.P. Equoterapia como método de tratamento de crianças portadores de doenças neurológicas. *Perspectivas Online: Biológicas & Saúde*, v.12, n.43, p. 26 - 38, 2022.

A equoterapia desponta como um método de tratamento que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar, buscando o desenvolvimento de pessoas com deficiências e/ou necessidade especiais, sendo cada vez mais adotada na reabilitação de crianças portadoras de doenças neurológicas. Diante disso, o presente estudo tem como objetivo identificar a percepção de pais e/ou responsáveis sobre a equoterapia como método de tratamento de crianças portadoras de doenças neurológicas. Trata-se de um estudo transversal, realizado no período de setembro a outubro de 2021, através da aplicação de um questionário construído pelos pesquisadores, contendo 15 perguntas abertas e fechadas, a 27 pais e/ou responsáveis dessas crianças. Os participantes afirmam perceber resultados

positivos com a utilização da equoterapia como método de tratamento de seus filhos, observando benefícios em diversas dimensões, como no desenvolvimento de atividades, na escola, no brincar, na socialização e na linguagem. Diante do exposto, concluiu-se que os pais e/ou responsáveis envolvidos na pesquisa, perceberam mudanças no processo de desenvolvimento de seus filhos com o tratamento através da equoterapia. Os participantes relataram ser um tratamento válido no estímulo do desenvolvimento das crianças praticantes, essencial para a melhoria dos aspectos posturais e, proporcionando também, melhora na interação, fala e locomoção, constituindo-se enquanto uma terapia completa, tendo em vista sua abordagem interdisciplinar.

Palavras-chave: Fisioterapia. Equoterapia. Doenças do Sistema Nervoso.

¹ Graduada em Fisioterapia pelo Centro Universitário de Barra Mansa, RJ, Brasil.

² Doutorando em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca da Fundação Oswaldo Cruz (ENSP/FIOCRUZ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

³ Doutoranda em Enfermagem e Biociências pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), RJ, Brasil.

⁴ Mestre em Engenharia Biomédica pela Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP), São José dos Campos, SP, Brasil.

(*) e-mail: henrilacerda2009@hotmail.com

RIDING THERAPY AS A METHOD OF TREATMENT FOR CHILDREN WITH NEUROLOGICAL DISEASES

Rebeca Maria da Silva Pires Barbosa¹, Jose Henrique de Lacerda Furtado², Patricia Luciene da Costa Teixeira³ e Laize Aparecida de Paulo Poubel Sobreira⁴

ABSTRACT

BARBOSA, R.M.S.P.; FURTADO, J.H.L.; TEIXEIRA, P.L.C.; SOBREIRA, L.A.P.P. Riding therapy as a method of treatment for children with neurological diseases, **Online Perspectives: Biology & Health**, v.12, n.43, p. 26 - 38, 2022.

Hippotherapy emerges as a treatment method that uses the horse within an interdisciplinary approach, seeking the development of people with disabilities and/or special needs, and is increasingly adopted in rehabilitating children with neurological diseases. Therefore, the present study aims to identify the perception of parents and/or guardians about hippotherapy as a treatment method for children with neurological diseases. This is a cross-sectional study, carried out from September to October 2021, through the application of a questionnaire constructed by the researchers, containing 15 open and closed questions, to 27 parents and/or guardians of these children. Participants claim to perceive positive

results with the use of hippotherapy as a method of treating their children, observing benefits in several dimensions, such as in the development of activities, at school, in playing, in socialization and in language. In view of the above, it was concluded that the parents and/or guardians involved in the research noticed changes in the development process of their children with the treatment through hippotherapy. Participants reported being a valid treatment to stimulate the development of practicing children, essential for improving postural aspects and improving interaction, speech, and locomotion, constituting itself as a complete therapy, in view of its interdisciplinary approach.

Keywords: Physical Therapy. Riding Therapy. Nervous System Diseases.

¹ Graduada em Fisioterapia pelo Centro Universitário de Barra Mansa, RJ, Brasil.

² Doutorando em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca da Fundação Oswaldo Cruz (ENSP/FIOCRUZ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

³ Doutoranda em Enfermagem e Biociências pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), RJ, Brasil.

⁴ Mestre em Engenharia Biomédica pela Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP), São José dos Campos, SP, Brasil.

(*) e-mail: henrilacerda2009@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A Equoterapia surge como um método terapêutico de abordagem interdisciplinar de educação e equitação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com deficiências ou com necessidades especiais. Nesse método, ocorre a participação do corpo inteiro do praticante, e os movimentos tridimensionais proporcionados pela andadura do cavalo, causam no corpo uma grande quantidade de estímulos sensoriais e neuromusculares, que vão interferir diretamente no desenvolvimento global e na aquisição de habilidades motoras (ARARUNA; LIMA; PRUMES, 2015).

O cavalo é treinado para adotar um comportamento tranquilo e passivo durante o contato com o praticante. Assim, a equoterapia é uma modalidade de intervenção, onde a presença do animal é inserida de forma intencional e direcionada a objetivos definidos, sendo uma estratégia que estimula ganhos físicos e psicológicos, incluindo a melhora nos vínculos afetivos, aumento da autoestima e da autoconfiança. A forma na qual o tratamento é realizado, longe do ambiente restrito das clínicas e mais próximo da natureza e do ar livre, também promove um ambiente relaxante e prazeroso, com positivas repercussões nas condições emocionais e no convívio da criança (FREIRE *et al.*, 2019).

Além disso, suas indicações são diversas e favorecem o equilíbrio, coordenação motora e estimulação proprioceptiva das crianças que realizam este tratamento. Este recurso terapêutico pode ser utilizado para diversas patologias, sendo mais comum, a prática por indivíduos com doenças neurológicas (NUNES; CABERLON, 2018).

Na literatura, é possível encontrar diversos acometimentos neurológicos que podem estar relacionados às crianças, sendo fundamental a compreensão da fisiopatologia dessas condições e, principalmente, do impacto delas no desenvolvimento da criança, para o planejamento de um plano de tratamento que produza resultados satisfatórios e que proporcionem a sua inserção na sociedade, de maneira íntegra e funcional (ALBERGARIA *et al.*, 2019).

Sendo assim, o objetivo principal da utilização da equoterapia como método de tratamento é o aumento da independência por meio da melhora da capacidade funcional, do desenvolvimento, da psicomotricidade e da reeducação postural da criança, através da evolução da consciência corporal, para que ela seja capaz de conseguir sustentar o corpo como um todo (FREIRE *et al.*, 2019).

Neste contexto, faz-se imprescindível o envolvimento de uma equipe interdisciplinar, buscando contribuir no processo de desenvolvimento destas crianças. Nessa perspectiva, o fisioterapeuta desponta enquanto um profissional essencial nessa equipe, tendo em vista a importância da sua atuação o mais precoce possível no atendimento dessas crianças (ALBERGARIA *et al.*, 2019).

Além disso, faz-se oportuno salientar que o acolhimento familiar de pais e/ou responsáveis é imprescindível durante o tratamento com equoterapia. Este envolvimento, pode auxiliar a criança a se adaptar melhor à fisioterapia, além de fornecer informações sobre os objetivos mais importantes para a família e para a criança, o que acaba impactando positivamente o trabalho da equipe interdisciplinar (GENNARO; BARHAM, 2014). Além disso, ressalta-se o exposto por Barros e Sobral (2018, p. 1185), que defendem que “as experiências trazidas do seu meio familiar e a prática de equoterapia, favorece, assim, com a melhora na coordenação motora fina, equilíbrio postural, desempenho nas atividades escolares, melhora na escrita e maior socialização”.

Portanto, no centro de equoterapia, os profissionais da equipe interdisciplinar devem estar atentos para a percepção dos familiares, pais e/ou responsáveis dos praticantes, em relação ao tratamento, à satisfação com resultados, aos benefícios e aos demais efeitos deste tratamento, associado ao plano terapêutico de cada paciente. Sobretudo, considerando os diversos aspectos vivenciados pelas famílias dos praticantes, que podem influenciar no processo de reabilitação.

Diante disso, o presente estudo tem como objetivo identificar a percepção de pais e/ou responsáveis sobre a equoterapia como método de tratamento de crianças portadoras de doenças neurológicas.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal, realizado através da aplicação de um questionário construído pelos (as) pesquisadores (as), contendo 15 perguntas abertas e fechadas, sobre a percepção dos participantes acerca do tratamento de equoterapia realizado com os seus (suas) filhos (as). Ressalta-se que, embora o referido questionário tenha sido construído a partir da experiência e vivência dos (as) pesquisadores (as) com a equoterapia, o mesmo ainda não passou por processo de validação. A coleta de dados teve início após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Barra Mansa, sob parecer nº 4.934.271, respeitando todas as normas estabelecidas pela Resolução 466/12, do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012).

Foram incluídos no presente estudo pais e/ou responsáveis de crianças portadoras de doenças neurológicas, as quais realizassem tratamento de equoterapia, em um Centro de Hipoterapia e Equitação Terapêutica, localizado na região do Médio Paraíba Fluminense, no interior do estado do Rio de Janeiro. Os participantes deveriam ter idade igual ou superior a 18 anos, estarem dispostos a participar de forma voluntária do estudo e, a assinar previamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram excluídos pais e/ou responsáveis de crianças que, mesmo realizando tratamento de equoterapia, não possuíam doenças neurológicas e, ainda, os que não responderam a todas as perguntas do questionário.

A coleta de dados foi realizada de forma presencial por uma das pesquisadoras, que abordou individualmente os possíveis participantes do estudo, apresentando o mesmo, convidando-os a participarem e, procedendo as assinaturas do TCLE e aplicação do questionário. Faz-se oportuno salientar que ela ocorreu ao longo dos meses de setembro e outubro de 2021, durante o período pandêmico em curso, tendo sido tomadas todas as precauções atinentes à biossegurança dos envolvidos.

Após a coleta, os dados obtidos foram tabulados em uma planilha no programa Microsoft Excel, para serem analisados por meio de estatística descritiva, incluindo frequência absoluta e relativa, média e desvio padrão.

3. RESULTADOS

Participaram do estudo, respondendo ao questionário proposto, 30 pais e/ou responsáveis de crianças portadoras de doenças neurológicas, em tratamento com a equoterapia. Desses 30, apenas 27 se enquadraram dentro dos critérios de inclusão, sendo os demais excluídos da pesquisa, conforme fluxograma apresentado a seguir.

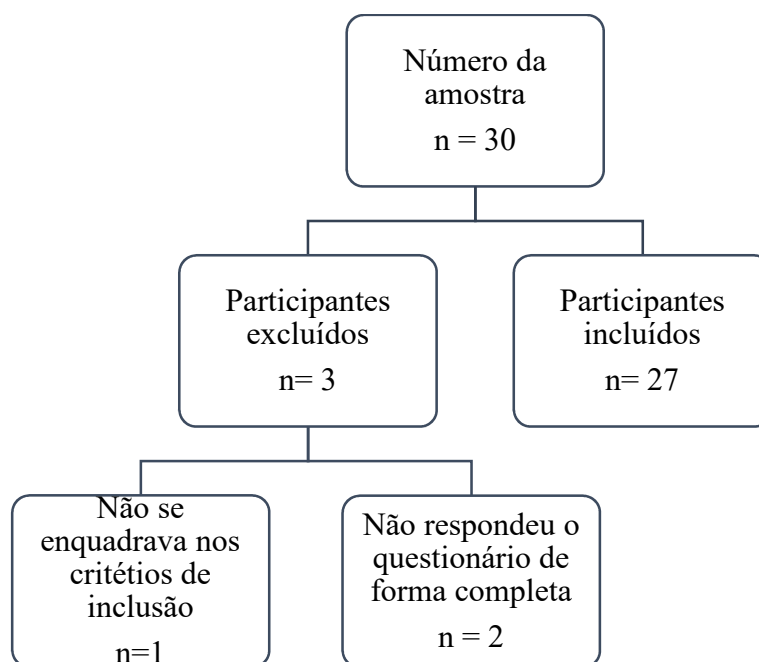


Figura 1. Participantes recrutados para a pesquisa (Fonte: Elaborado pelos autores).

A média de idade dos 27 pais e/ou responsáveis incluídos no estudo foi de 37,89 \pm 10,37 anos, cujos filhos que faziam o tratamento de equoterapia tinham média de idade de 5,37 \pm 2,95 anos. A maioria dos (as) participantes era do gênero feminino (85,19%) e casados (as) (62,96%).

O dados referentes ao perfil sociodemográfico dos participantes encontram-se dispostos nas tabela 1 e 2, assim como os dados obtidos com o questionário de avaliação dos benefícios da equoterapia, que encontram-se dispostos na tabela 3, a seguir.

Tabela 1. Dados sociodemográficos, de dança e características da dor. Perfil sociodemográfico dos pais e/ou responsáveis participantes. Fonte: Elaborada pelos autores

Variáveis	Nº	%
Gênero		
Feminino	23	85,19%
Masculino	04	14,81%
Estado Civil		
Solteiro	08	29,63%
Casado	17	62,96%
Divorciado	01	3,70%
Viúvo	00	0,00%
União Estável	01	3,70%
Escolaridade		
Alfabetizado	01	3,70%
Ensino Fundamental	02	7,41%
Ensino Médio	13	48,15%
Ensino Superior	11	40,74%
Profissão		
Administrador	01	3,70%
Advogada	01	3,70%
Assistente Administrativo	01	3,70%

Agente Comunitário de Saúde	01	3,70%
Aposentado	01	3,70%
Autônomo	01	3,70%
Babá	01	3,70%
Caseiro	01	3,70%
Dermatologista	01	3,70%
Diarista	01	3,70 %
Docente	04	14,81%
Do lar	07	25,93%
Empresária	01	3,70%
Funcionário Público	02	7,41%
Massoterapeuta	01	3,70%
Recepcionista	01	3,70%
Técnica de Enfermagem	01	3,70%

Tabela 2. Perfil sociodemográfico e patologia das crianças que praticam equoterapia. Fonte: Elaborada pelos autores

Variáveis	Nº	%
Gênero		
Feminino	13	48,15%
Masculino	14	51,85%
Patologia		
Apraxia da fala	01	3,70%
Autismo	03	11,11%
Atraso do desenvolvimento	02	7,41%
Atraso do desenvolvimento global, TEA associado a síndrome genética	01	3,70%
Paralisia Cerebral/Síndrome de Dany-Walke	01	3,70%
Paralisia Cerebral	09	33,33%
Síndrome CDK-13	01	3,70%
Síndrome de Down	04	14,81%
Síndrome de Smith-Lemli-Optiz	01	3,70%
Síndrome de Tuner	01	3,70%
Síndrome do cromossomo 14 e craniossinostose	01	3,70%
Diagnóstico não conclusivo	02	7,41%

Tabela 3. Questionário de Avaliação dos Benefícios da Equoterapia. Fonte: Elaborada pelos autores

Variáveis	Nº	%
Por que você escolheu esse tratamento?		
Encaminhamento Médico	05	18,52%
Indicação	04	14,81%
Resultados na melhora do desenvolvimento	18	66,67%
Há quanto tempo seu filho realiza este tratamento?		
3 semanas	03	11,11%

1-5 meses	08	29,63%
1 ano	04	14,81%
2 anos	04	14,81%
3 anos	04	14,81%
4 anos	03	11,11%
7 anos	01	3,70%
Já observou benefícios e resultados deste tratamento para seu filho?		
SIM	26	96,30%
NÃO	01	3,70%
Se sim, qual?		
“Comunicação”		
“Coordenação Motora”		
“Desenvolvimento”		
“Equilíbrio”		
“Função afetiva, cognitiva”		
“Locomoção e convivência”		
“Melhora do tônus e força”		
“Postura”		
“Quedas”		
Em relação ao dia a dia, percebeu melhora em suas atividades?		
SIM	26	96,30%
NÃO	01	3,70%
Percebeu melhora da atenção na escola ou no estudo remoto?		
SIM	19	70,37%
NÃO	08	29,63%
Houve melhora no brincar?		
SIM	25	92,59%
NÃO	02	7,41%
Percebeu melhoria na relação aos grupos de amigos?		
SIM	22	81,48%
NÃO	05	18,52%
Percebeu melhora na fala?		
SIM	14	51,85%
NÃO	13	48,15%
Aprendeu novas palavras?		
SIM	13	48,15%
NÃO	14	51,85%
Você sente que este tratamento de Equoterapia tem a participação de pais e(ou) responsáveis?		
SIM	25	92,59%
NÃO	02	7,41%
Você se sente seguro para deixar seu filho realizar esse tratamento?		
SIM	27	100%
NÃO	0	0,00%
Seu filho faz tratamento com outro profissional?		
SIM	24	88,89%
NÃO	03	11,11%
Se sim, qual?		
“Fonoaudióloga”		
“Neurologista”		
14) Seu filho faz outro tratamento Fisioterapêutico, fora da Equoterapia?		

SIM	16	59,26%
NÃO	11	40,74%

“Fisioterapia motora e respiratória”

“Psicomotricidade”

“Hidroterapia”

Qual a sua opinião quanto ao tratamento de Equoterapia que seu filho realiza?

“Válido, ajuda no desenvolvimento.”

“Melhor escolha, vejo resultados no equilíbrio de cabeça.”

“Excelente, relação do cavalo é benéfica.”

“Equoterapia nos deixa mais amparados.”

“Essencial para parte postural, interage melhor com o mundo.”

“Melhora na interação, fala e locomoção.”

“Melhora na parte tátil.”

“Profissionais excelentes.”

“Só benefícios, sinto na minha filha mais confiança e amor.”

“Terapia completa, pois tem um foco multidisciplinar.”

“Momento de tranquilidade e interação com a natureza.”

4. DISCUSSÃO

A equoterapia é uma alternativa de tratamento que visa melhorar a qualidade de vida dos participantes, usando o cavalo como um agente facilitador, tornando possível aos praticantes ganhos tanto no aspecto físico, como no psicológico. As técnicas reeducativas, que atuam para tratar alterações motoras, sensoriais, cognitivas e comportamentais, por meio de uma atividade como a equoterapia, proporciona melhoras no quadro do praticante (JANG *et al.*, 2016).

Na amostra do presente estudo observou-se maior prevalência de pais e/ou responsáveis do gênero feminino (85,19%), casadas (62,96%) e com média de idade de $37,89 \pm 10,37$ anos, demonstrando semelhança com os resultados encontrados por Mello *et al.* (2021), que verificaram em seu estudo, maior prevalência da figura materna entre os participantes. Nos estudos de Souza *et al.* (2018), a maioria das participantes também correspondia ao gênero feminino entre os cuidadores, chamando a atenção para a importância social da mulher como a provedora de cuidados, e a necessidade do aumento da participação da população masculina no papel de cuidador. Nos resultados do questionário aplicado por Sonêgo *et al.* (2018), no Centro de Equoterapia EquusVitta, as mães eram as que mais participavam do tratamento de seus filhos, pois, exercem o papel de ser a mais responsável da família, com sentimentos afetivos de superproteção, buscando diariamente respostas que confirmem a capacidade de seus filhos.

Quanto à escolaridade dos pais e/ou responsáveis, a mais incidente foi o ensino médio completo (48,15%), seguida do ensino superior (40,74%), com uma variedade de profissões. Esses achados se assemelham aos encontrados no estudo desenvolvido por Freitas *et al.* (2015), no qual a maioria apresentava ensino médio (38,5%), seguido de ensino superior (25,6%).

Faz-se oportuno salientar ainda, os achados obtidos no estudo de Romagnoli *et al.* (2016), em que foram entrevistados pais de 20 crianças que frequentavam o centro de equoterapia na Cidade de Maringá-PR. Destes 20 participantes que utilizavam o centro de equoterapia, 55% correspondiam ao gênero masculino e 45% do gênero feminino. A maioria dos praticantes de equoterapia nos estudos de Barros *et al.* (2013) também correspondeu ao gênero masculino (52,1%). Esses dados vão de encontro com os resultados obtidos no presente

estudo, em que a maioria das crianças praticantes de equoterapia, filhos dos participantes da pesquisa, também eram do gênero masculino.

Nos dados obtidos no presente estudo, observou-se também que os filhos dos participantes possuíam diversas patologias, sendo as mais predominantes a paralisia cerebral (33,33%), a síndrome de down (14,81%) e o autismo (11,11%). Resultados semelhantes também foram encontrados nos estudos de Nascimento e Farias (2017), que fizeram uma observação e entrevistas com familiares e cuidadores dos praticantes de Equoterapia em um Centro de Assistência Social na cidade de Paraopeba-Minas Gerais, em que as principais doenças presentes entre os praticantes de equoterapia foram a Paralisia Cerebral, Síndrome de Down, Síndrome do Espectro Autista, Anemia Falciforme, Deficiência Auditiva e a Deficiência Intelectual.

Resultados semelhantes também foram encontrados por Barros *et al.* (2013), em um estudo desenvolvido em um centro de equoterapia em Maceió, em que o diagnóstico mais frequente foi de paralisia cerebral (37,5%), seguido de síndrome de down. Estudos realizados por Torquarto *et al.* (2013) no Regimento de Polícia Montada 9 de Julho (RPMON) e na Associação de Pais e Amigos de Excepcionais (APAE), em Mogi das Cruzes, mostrou que a equoterapia voltada para pacientes com Síndrome de Down e Paralisia Cerebral, visa promover o máximo de autonomia funcional, de acordo com as limitações de cada indivíduo, através de estímulos sensoriais, neuromusculares e motores que o cavalo proporciona.

De forma geral, a equoterapia é uma estratégia de tratamento extremamente importante no atendimento a indivíduos diagnosticados com essas patologias, por se tratar de um método terapêutico que abrange o desenvolvimento global do praticante, na dimensão motora, funcional e emocional. De acordo com Rotta (2002) e Araujo, Ribeiro e Silva (2010), a cada 1.000 nascido vivos, cerca de três crianças são acometidas por paralisia cerebral no mundo, sendo imprescindível a busca por estratégias efetivas de tratamento desses casos.

Nos achados de Nunes e Caberlon (2018), obtidos através de uma entrevista com pais/cuidadores responsáveis por crianças que praticavam equoterapia em um centro especializado, verificou-se a percepção dos pais acerca desse tratamento. Os resultados encontrados por Nunes e Caberlon (2018) apontaram para melhoria na socialização, convívio, equilíbrio e controle motor dos praticantes, corroborando com os achados do presente estudo, em que os entrevistados relataram buscar o tratamento de equoterapia devido aos seus potenciais benefícios para o desenvolvimento das crianças. De acordo com a percepção da maioria dos participantes (96,3%), foi percebido melhoria na comunicação, coordenação motora, no desenvolvimento, equilíbrio, função afetiva, locomoção, convivência, melhora do tônus, força e postura.

Para Souza e Silva (2015), o tratamento de equoterapia proporciona ainda melhoria na qualidade de vida, bem-estar e possibilita oportunidades de desenvolver aspectos motores, sensoriais e ajuda na comunicação com o mundo externo, sendo necessário construir os métodos de tratamento adequados à realidade de cada paciente, mesmo que demore atingir o resultado esperado.

De acordo com Mello *et al.* (2021), ao realizar uma entrevista com pais e mães de indivíduos com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA), que participavam da Equoterapia nas dependências da Fazenda da Brigada Militar, observou-se que a equoterapia tem auxiliado no bem-estar de seus filhos, com resultados relevantes para o seu dia a dia, estimulando o desenvolvimento de diversas áreas como motricidade, cognição, socialização e linguagem. Seguindo a mesma ideia e validando os resultados deste estudo, Barbosa e Munster

(2013), fizeram um estudo com pais de cinco crianças participantes de um programa de equoterapia em um município de médio porte do interior paulista, cujos achados obtidos apontam que a equoterapia promoveu aumento na concentração, atenção, autoconfiança, motivação, dedicação, comunicação, melhor aproveitamento na escola, melhora na letra e melhor interação com outras crianças. Dados que corroboram com os achados do presente estudo, em que os pais e/ou responsáveis das crianças praticantes de equoterapia afirmaram perceber melhora no desenvolvimento das atividades, na atenção na escola, no convívio com os amigos e na fala.

Faz-se oportuno salientar que a equoterapia não está envolvida apenas com a terapêutica física, mas também social e educacional, por meio de técnicas pedagógicas, aliadas a terapêutica ela permite a integração ou reintegração sociofamiliar (MARCELINO; MELO, 2006). O ambiente de equoterapia pode contribuir também, com o aprendizado, sendo a aquisição da linguagem um desses possíveis aprendizados, por utilizar gestos e movimentações prazerosas (NUNES; CABERLON, 2018).

Na pesquisa desenvolvida por Sônego *et al.* (2018), verificou-se a partir dos relatos obtidos junto aos pais/cuidadores, que a equoterapia proporcionou melhora no brincar, na interação da criança ao compartilhar os brinquedos com outras crianças, nos aspectos cognitivos, motores e principalmente, nos aspectos emocionais. Esses resultados se assemelham aos achados do presente estudo, em que a maioria dos participantes relatou terem percebido melhora no brincar. A inclusão do cavalo nas terapias pode ser considerada como um conjunto de técnicas reeducativas, que visam superar ações motoras, sensoriais, cognitivas e comportamentais, por meio de uma atividade de forma lúdica, proporcionando todas as condições escolhidas como sendo importantes ao tratamento desses pacientes (SILKWOOD-SHERER *et al.*, 2012).

Quando questionados sobre a participação familiar durante o tratamento de equoterapia, 92,59% dos participantes afirmaram que percebem a importância da participação familiar durante este processo. Dados que corroboram com os achados de Sônego *et al.* (2018), sobre a participação ativa dos pais e/ou cuidadores no tratamento, que afirma que a presença familiar resulta em posturas corretas das crianças durante o momento da alimentação em casa, no momento do brincar e na locomoção. Além disso, os autores sinalizam que a participação dos pais proporciona melhora no desenvolvimento global dos praticantes, havendo percepção de melhora do quadro da criança em 100%. Nunes e Caberlon (2018), afirmam ainda que é de suma importância a participação dos pais, pois estes são o principal elo de referência sobre os pontos positivos e/ou negativos de qualquer tratamento. Neste sentido, Gennaro e Barham (2014) ressaltam que esse envolvimento familiar potencializa o tratamento, tendo em vista a importância dos pais enquanto mediadores essenciais desse processo. Ressalta-se que no presente estudo, 100% dos pais e/ou responsáveis referiram que se sentem seguros para realização da equoterapia.

Faz-se oportuno salientar também, a importância fundamental do trabalho em equipe, para o êxito no processo de tratamento dos praticantes de Equoterapia, sendo essencial a condução adequada e bem articulada dos praticantes às atividades, sempre com um olhar biopsicossocial (SÔNEGO *et al.*, 2018).

Além da equoterapia, identificou-se no presente estudo que os praticantes também faziam tratamento com outros profissionais, como os da fonoaudiologia e o médico neurologista, por exemplo. Nos achados obtidos por Barros *et al.* (2013), verificou-se que a fonoaudiologia foi a assistência mais frequente dos praticantes, seguida pela fisioterapia. Nunes e Caberlon (2018), chamam a atenção para a importância de uma abordagem multidisciplinar

desses casos, sendo imprescindível nos ambientes que praticam, ações que visam melhorar a qualidade de vida e de saúde dos indivíduos.

Além disso, conforme descrito por Romagnoli *et al.* (2016), em relação ao tratamento em equipe interdisciplinar, destaca-se que a fisioterapia solo e a hidroterapia são os tratamentos mais realizados. No presente estudo, conforme descrito pelos pais e/ou responsáveis participantes, as crianças também desenvolviam outras atividades terapêuticas além da equoterapia, como a fisioterapia motora e respiratória, psicomotricidade e hidroterapia. Moraes *et al.* (2015) ressaltam que o tratamento interdisciplinar, realizado em conjunto com a equoterapia, é de grande importância, tendo em vista que a maioria dos praticantes possuem ainda distúrbios e/ou limitações associadas, necessitando de uma abordagem diversificada de tratamentos.

Por fim, seguindo a mesma ideia e corroborando com os resultados do presente estudo, Nunes e Caberlon (2018) chamam a atenção para a importância da equoterapia como método de tratamento, devido ao seu potencial de desenvolvimento de novas formas de socialização, autoconfiança e autoestima, através da interação com o cavalo, que perpassa o primeiro contato, passando pela montaria, o cuidado com o animal e, até mesmo, as atividades que envolvem higiene e alimentação. Além disso, Nogueira *et al.* (2019) destacam que a prática do método pode promover resultados satisfatórios em diversas dimensões como no equilíbrio, coordenação, controle postural, normalização do tônus, interação social e desenvolvimento global dos indivíduos praticantes.

5. CONCLUSÕES

Diante do exposto, foi possível concluir que os pais e/ou responsáveis envolvidos na pesquisa, perceberam mudanças no processo de desenvolvimento de seus filhos com o tratamento através da equoterapia. Os participantes relataram ser um tratamento válido no estímulo do desenvolvimento das crianças praticantes, essencial para a melhoria dos aspectos posturais e, proporcionando também, melhora na interação, fala e locomoção, constituindo-se enquanto uma terapia completa, tendo em vista sua abordagem interdisciplinar.

Apesar da relevância dos achados obtidos, sobretudo, considerando a importância do envolvimento efetivo da família no processo terapêutico das crianças com doenças neurológicas, ressalta-se ainda a importância do desenvolvimento de novos estudos acerca da temática, envolvendo os praticantes desse método de tratamento, a fim de produzir evidências científicas acuradas acerca dos seus efeitos.

6. REFERÊNCIAS

ARAUJO, A. E. R.; RIBEIRO, V. S.; SILVA, B. T. F. A Equoterapia no tratamento de crianças com paralisia cerebral no Nordeste do Brasil. **Revista Fisioterapia Brasil**, v. 11, n. 1, 2010.

ALBERGARIA, T. F. S. *et al.* **Coleção Manuais da Fisioterapia Pediátrica**. Salvador: Sanar, 2019.

ARARUNA, E. B. T; LIMA, S. R. G.; PRUMES, M. Desenvolvimento motor em crianças portadoras da síndrome de down com o tratamento de equoterapia. **Revista Pesquisa em Fisioterapia**, v. 5, n. 2, p. 143-152, 2015.

- BARBOSA, G. O.; MUNSTER, M. A. V. Percepção dos pais acerca de um programa de equoterapia voltado a crianças com TDHA. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 20, n. 1, 2013.
- BARROS, E. L.; SOBRAL, M. S. C. A Relevância da Equoterapia no Desenvolvimento de Crianças com Necessidades Específicas no Âmbito Escolar. **Id on Line Rev. Mult. Psic.**, v. 12, n. 42, p. 1181-1190, 2018.
- BARROS, J. E. S. L. *et al.* Perfil dos praticantes do centro de equoterapia da instituição Pestalozzi da cidade de Maceió. **Cadernos de Graduação - Ciências Biológicas e da Saúde**, v. 1, n. 3, p. 137-146, 2013.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466**, 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2021.
- FREIRE, V. H. J. *et al.* A equoterapia como recurso fisioterapêutico junto a indivíduos com diagnóstico de paralisia cerebral. **Revista Fisioterapia Brasil**, v. 21, n. 1, p. 23-30, 2019.
- FREITAS, R. B. *et al.* Percepção dos pais e/ou cuidadores de praticantes da equoterapia acerca da estrutura assistencial. **Revista Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 10, n. 19, p. 25-41, 2015.
- GENNARO, M. R. L.; BARHAM, J. E. Estratégias para envolvimento parental em fisioterapia neuro pediátrica: uma proposta interdisciplinar. **Estud. Pesqui. Psicol.** v. 14, n. 1, p. 10-28, 2014.
- JANG, C. H. *et al.* Effects of Hippotherapy on Psychosocial Aspects in Children With Cerebral Palsy and Their Caregivers: A Pilot Study. **Annals of rehabilitation medicine**, v. 40, n. 2, p. 230-6, 2016.
- MARCELINO, J. F. Q.; MELO, Z. M. Equoterapia: suas repercussões nas relações familiares da criança com atraso de desenvolvimento por prematuridade. **Estudos de psicologia**, v. 23, n. 3, p. 279-287, 2006.
- MELLO, P. C. *et al.* Equoterapia na percepção de pais/mães de autistas. **Revista Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 10, n. 11, 2021.
- MORAES, A. G. *et al.* Equoterapia no controle postural e equilíbrio em indivíduos com paralisia cerebral: revisão sistemática. **Revista Neurociência**, v. 23, n. 4, p. 546-54, 2015.
- NASCIMENTO, J. S.; FARIAS, V. Aspectos biopsicossociais dos familiares do praticante de equoterapia. **Revista Brasileira de Ciências da Vida**, v. 5, n. 3, 2017.
- NOGUEIRA, I. B. *et al.* Os benefícios da equoterapia: uma revisão de literatura. **Mostra de Fisioterapia da Uicatólica**, v. 4, n. 1, p. 1-10, 2019.
- NUNES, P. A; CABERLON, F. C. A percepção dos pais quanto ao tratamento de equoterapia. **Revista Inspirar movimento & saúde**, v. 14, n. 2, 2018.
- ROMAGNOLI, J. A. S. *et al.* Equoterapia como método de tratamento fisioterapêutico. **Revista Perspectivas online: biológicas & Saúde**, v. 22, n. 6, p. 24-32, 2016.

ROTTA, N. M. Paralisia cerebral, novas perspectivas terapêuticas. **Jornal de Pediatria**, v. 78, p. 48-54, 2002. Disponível em; <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v78s1/v78n7a08.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2021.

SILKWOOD-SHERER, D. J. *et al.* Hippotherapy-an intervention to habilitate balance deficits in children with movement disorders: a clinical trial. **Physical Therapy**, v. 92, n. 5, p.707-717, 2012.

SÔNEGO, G. L., *et al.* Contribuições da equoterapia ao desenvolvimento de crianças com deficiências: um enfoque interdisciplinar. **Revista Salusvita**, v. 37, n. 3, p. 653-670, 2018.

SOUZA, J. M. G. *et al.* Qualidade de Vida de cuidadores de praticantes de equoterapia no Distrito Federal. **Revista Saúde em Debate**, v. 42, n. 118, p. 736-743, 2018.

SOUZA, M. B.; SILVA, P. L. N. Equoterapia no Tratamento do Transtorno do Espectro Autista: A percepção dos técnicos. **Revista Ciência e Conhecimento**, v. 9, n.1, 2015.

TORQUATO, J. A. *et al.* A aquisição da motricidade em crianças portadoras de Síndrome de Down que realizam fisioterapia ou praticam equoterapia. **Revista Fisioterapia**, v. 26, n. 3, p. 515-525, 2013.